

DESIGUALDADES Y JUVENTUDE NEGRA NA CIDADE DE SALVADOR/BRASIL

FECHA DE RECIBIDO: 23 DE JUNIO 2016 / FECHA DE ACEPTACIÓN: 6 DE DICIEMBRE DE 2016

ADALBERTO DE SALLES LIMA

Doutorando em Ciências Sociais
Centro de Pesquisa e Pós-Graduação Sobre as Américas (CEPPAC)
Instituto de Ciências Sociais – Universidade de Brasília
Correo Electrónico: sallesvitoria@hotmail.com

RESUMO

ABSTRACT

O trabalho é resultado de algumas análises de pesquisa desenvolvida com jovens do ensino médio de uma escola pública localizada numa periferia da cidade de Salvador, no Brasil. O objetivo é compreender os olhares juvenis pesquisados acerca das desigualdades e como o racismo implica na realização de horizontes futuros. A escola tem diferentes significados para os estudantes e reproduz parte dos valores tradicionais que não contribuem para o combate a discriminação e o racismo. Num caminho oposto, as culturas juvenis de periferias se fazem presentes nos muros e nas relações interpessoais na escola pesquisada. Foram entrevistados 130 estudantes com aplicação de questionários e entrevistas. A metodologia se baseia na abordagem qualitativa e quantitativa para compreender as múltiplas dimensões de análise da realidade investigada. As perspectivas de futuro e horizontes de realizações pessoais muitas vezes tem relação com um currículo escolar desconectado com a realidade dos estudantes e reproduzem relações de desigualdade de gênero e racial dentro do ambiente escolar.

The work is the result of some research analyzes developed with high school youths of a public school located in a periphery of the city of Salvador, Brazil. The goal is to understand the juvenile looks researched about inequalities and how racism implies the realization of future horizons. The school has different meanings for students and reproduces part of the traditional values that do not contribute to the fight against discrimination and racism. In an opposite way, the juvenile cultures of peripheries are present in the walls and in the interpersonal relations in the researched school. We interviewed 130 students with questionnaires and interviews. The methodology is based on the qualitative and quantitative approach to understand the multiple dimensions of analysis of the reality investigated. Future perspectives and horizons of personal achievement are often related to a school curriculum disconnected from the reality of students and reproduce relations of gender and racial inequality within the school environment.

Palavras-chave: jovens, periferia, escola, desigualdades sociais, racismo.

Keywords: young, periphery, school, social differences, racism.

As juventudes representam grupos sociais de tempos, contextos, subjetividades e suas práticas estabelecem conexões de sentidos com outras experiências sociais juvenis. Os jovens das periferias urbanas possuem significados próprios e as culturas juvenis dessas localidades assumem práticas políticas de enfrentamento as desigualdades sociais.

A categoria juventude é uma construção social. Significa um grupo populacional de experiências diversas, de signos específicos e distintas maneiras de entender o mundo e a si (JUNQUEIRA, 2006; GROppo, 2000; ABRAMOVAY, 2002). Os marcadores sociais como conclusão do ensino médio, ingresso profissional, desemprego, independência financeira, ter filho e morar sozinho caracterizam alguns dos momentos de transição para a vida adulta. As (in)certezas futuras, afirmações, autonomias, descobertas pessoais e outras experiências copõem dimensões subjetivas da juventude.

A pesquisa entrevistou 130 estudantes do Colégio Estadual Democrático Bertholdo Cirilo dos Reis em 2015, o equivalente a 23,9% do universo discente matriculados no ensino médio. A pesquisa ocorreu nos bairros de Plataforma e São João do Cabrito, localizados no Subúrbio Ferroviário de Salvador. A aplicação do questionário semiestruturado possibilitou conhecer o perfil sociodemográfico dos entrevistados e a realização de grupos focais facilitou apreender questões subjetivas relacionadas ao futuro profissional, racismo, interação com a escola e discriminação.

A pesquisa mostrou que 63,1% dos entrevistados se consideram negros, 16,2% se declaram brancos, os indígenas somam 1,5%, outros 10,8% e não responderam 8,5%. A maioria (77,7%) é solteiro(a), 86,9% mora com os pais e 10,8% declarou ter filhos(as). Os pais representam 75,4% dos responsáveis pelo sustento dos estudantes e ocupam atividades como empregada doméstica, marisqueiro(a), pescador(a), funcionário público, vigilante, pedreiro, pintor, eletricista e construção civil. Outra parcela está desempregada ou faz alguma atividade precarizada. A compilação desses dados indica que a maioria é solteira depende financeiramente dos pais, poucos têm filhos e os labores dos responsáveis são distintos (vai de uma dimensão dos considerados altamente precarizados a privilegiados), além dos desempregados.

Os jovens investigados veem a escola de maneira plural e de um ambiente que absorve parte das desigualdades sociais. As diferenças de rendimento escolar, condições socioeconômicas dos jovens negros e pobres e as possibilidades desiguais de inserção profissional após o ensino médio possibilitam compreender que os negros têm mais dificuldade de mobilidade social ascendente que os brancos. A discriminação, pobreza e o racismo geram desigualdades dentro e fora da escola e os rebatimentos desse fenômeno social são mais agudos para as mulheres negras.

A PERIFERIA E O SENTIDO DA ESCOLA

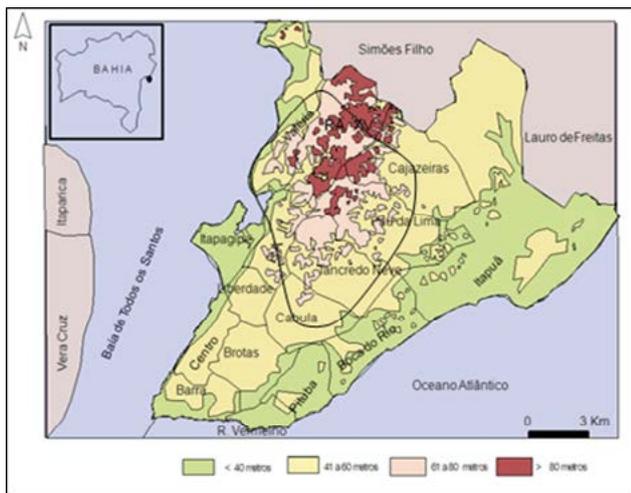


Figura 1: área de contexto investigado em Salvador

Elaborado por Miguel, com base na Prefeitura Municipal de Salvador, 2003, (adaptado).



Fonte: acervo do autor, 2015.

A categoria periferia é polissêmica e a interpretação puramente econômica torna-a insuficiente. Na relação centro-periferia em Salvador, o centro é formado por bairros considerados bem atendidos por serviços públicos e equipamentos urbanos. A periferia, associada como território de pobreza, representa a antítese do centro, delimitada pelo Subúrbio Ferroviário e alguns territórios próximos a ela.

O modelo de urbanização adotado pelas cidades brasileiras aprofunda as segregações socioespaciais e tornam as periferias uma representação enviesada do espaço urbano. Apesar de ter pobres em toda cidade, é na periferia que eles se encontram, criando a partir disso, um espaço que lhes é próprio e compõe a expressão mais clara de seu modo de vida (CALDEIRA, 1984).

A figura 1 representa os bairros de Plataforma e São João do Cabrito, localizados num contexto de periferia do subúrbio da cidade. Diferente da lógica economicista, a pesquisa considera a dimensão simbólica da categoria periferia ao entendê-la como um ambiente de diferentes relações e significados. Nesse sentido, a periferia representa um produto do urbano e parte dela se traduz na relação de subordinação econômica e política ao centro. Seu conteúdo indica um espaço carregado de elementos simbólicos e concretos articulados, ao produzir um modo de vida que corrobora um campo de tensões sociais em sua espacialidade e com o centro (LIMA, 2015).

Para alguns, a área é marcada por ser calma, com alternativas de lazer (praia, quadra de esporte, praças, teatro, entre outros) e vizinhança. No entanto, as contradições na organização urbana fazem parte da sua dinâmica e são percebidas pelos sujeitos da pesquisa. Outra parte dos jovens informou que o bairro é violento e as drogas contribuem para agravar os problemas sociais no local. Os jovens pesquisados compreendem a importância do seu local de vivência. O bairro, onde maior parte de suas relações interpessoais acontece, significa o lugar das primeiras experiências sociais, das relações afetivas, emoções e de intensa sociabilidade. A relação que o grupo juvenil investigado constrói com o lugar foi evidenciada ao afirmarem que gostam de continuar morando no bairro (75,4%), a minoria (13,8%) não gosta e 10,8% não respondeu.

No caso das percepções acerca da escola, os entrevistados observam sob dois ângulos. Por um lado, ao considerar relações interpessoais e afetivas, “uma relação quase que familiar, um aprendizado de vida e sabedoria.”, “Aprende a conviver com pessoas diferentes” e “a relação entre o estudante e a escola é boa e eu gosto muito da escola.”. Por outro, ao privilegiar a percepção do sucesso/insucesso profissional, alguns estudantes informaram que “a escola para mim é uma passagem para um futuro.”, “A escola é importante para termos uma boa relação com o mercado de trabalho.” e “estudar para ser alguém.”.

A escola significa um momento e espaço impar para a socialização dos jovens. O ambiente possibilita o contato com o outro, expressar emoções, afetividades e ações que nem sempre são possíveis na família. As falas dos entrevistados mostram que a escola deve promover uma educação que envolva uma formação de dimensões variadas: “Eu vejo como a segunda casa, a metade do dia, pela manhã, a manhã inteira aqui. Convive com pessoas de diferentes índoles e prepara para o mercado de trabalho”.

Os muros da escola constituem outros significados ao conceberem espaços de interação sociocultural. As manifestações artísticas são carregadas de subjetividades e no caso investigado revelam os olhares acerca das desigualdades sociais e combate ao racismo. Os muros grafitados representam processos de aprendizagem para além da sala de aula, evidenciam percepções juvenis acerca da realidade social, expressam subjetividades e habilidades artísticas.

A figura 1 mostra a inquietação dos estudantes entrevistados por meio do grafite ao destacar as desigualdades, evidenciando palavras como igualdades, cultura, respeito e preconceito. Em outra imagem com a seguinte frase “Dá licher com seu racismo que vou passar com minha cor” acentua o problema do racismo em suas vidas.



Figura 3. Olhares juvenis sobre o racismo na escola através do grafite
Fonte: acervo do autor, 2015.

As expressões artísticas vistas nos muros e as atividades pedagógicas realizadas pelo colégio não estão presentes na maioria das escolas públicas em Salvador, uma vez que o padrão de ensino quase não oferece espaços pedagógicos para uma educação com mais possibilidades de autonomia e liberdades. Gramsci (1982) ratifica essa realidade do sistema educacional nas sociedades capitalistas ao afirmar que o papel da educação tradicional é formar trabalhadores para o mercado de trabalho, reproduzindo parte da ideologia dominante.

Segundo Hooks (1994), a educação ocidental não contribui para a promoção de uma pedagogia crítica e uma educação que busque a liberdade como pilares para uma prática social humanística. Ao fazer uma crítica a questão racial no ambiente escola, a autora comenta que o sistema educacional e os padrões de ensino silenciam os negros(as), “[...] a sala de aula não é lugar para as estrelas, é um lugar de aprendizado[...]” (tradução, p. 216). Os padrões de ensino não aproximam os conteúdos escolares com a realidade dos estudantes. Quando o estudante adentra o ambiente da escola, deixa de lado suas experiências de outros lugares de convívio para assumir apenas sua condição de aluno (IRIART, 2010). A distância entre o currículo escola e as experiências juvenis criam mundos que não se conectam.

Foi identificado durante a pesquisa ausência de manifestações culturais indígenas na escola. Apesar da quantidade dos jovens entrevistados do ensino médio se autodeclararem indígenas (1,5%) ser menor que relação às outras etnias é possível considerar que o racismo também atua em graus distintos sobre as representações identitárias historicamente marginalizadas. Apesar da relevância em analisar os rebatimentos do racismo nos diferentes grupos étnicos minorizados no urbano, a pesquisa não se propôs a adentrar nessa dimensão analítica, delimitando sua atuação na população negra. Será necessário desenvolvê-lo em outras investigações.

A instituição de ensino pesquisada desenvolve atividades pedagógicas com temas sobre desigualdades, racismo, cultura negra e atividades artísticas. Os estudantes afirmam que os projetos são importantes por criarem espaços de interações artísticas e debates comuns às periferias. A afirmação dos entrevistados ratifica novamente o pensamento de Hooks (1994), uma vez que apesar de muitas vezes a sala de aula ser

um lugar de constrangimento, também pode ser um espaço potencial de libertação.

A figura 2 apresenta participações dos jovens em atividades artísticas voltadas para a valorização da identidade negra, como dança afro e artesanato. Para a pesquisa, o Bertholdo pode ser considerado uma escola de periferia por estar localizado num bairro popular, por oferecer condições aos estudantes manifestarem suas inquietações sociais, anseios e expressões artísticas, por tratar de questões sensíveis referentes à população negra e pobre, mesmo que de forma transversal ao currículo escolar e por ser uma escola acessível à comunidade local que carece de espaços alternativos de lazer e atividades educativas.



Figura 4. Habilidade dos estudantes através de danças afro-brasileiras e artesanato
Fonte: acervo do autor, 2015.

Com destaque para o projeto “A África esta em nós: recontar a história, valorizar a diversidade” leva os estudantes a refletirem sobre a Lei 10.639/03 e analisar sua aplicabilidade, na valorização da cultura da população negra no país e africana no combate ao preconceito, discriminação e racismo. A Lei 10.639 publicada em 2003 que altera a Lei de Diretrizes e Base da Educação (Lei 9.394/96) busca rever conteúdos e práticas pedagógicas, tornando obrigatório o estudo da África e dos africanos, dos afrobrasileiros e suas contribuições na construção da sociedade nacional, em instituições de ensino públicas e privadas.

O projeto pedagógico envolve estudantes, professores, funcionários, pais dos jovens e comunidade. Os discentes fizeram visitas a lugares na região do Recôncavo Baiano por retratar parte da cultura negra, a exemplo da ONG Omi Dudu, Ilê Axé Ogunjá (terreiro de candomblé), sede do Movimento Negro e áreas remanescentes de quilombo como o Quingoma.

Os estudantes utilizaram roteiro de observação, questionários e materiais para auxiliar na investigação dos lugares visitados sob uma perspectiva de análise e leitura crítica. Os eixos temáticos do projeto foram: Eu/o Outro e o etnocentrismo: Deuses/ou nada?; Juventude negra em Salvador; Movimento Negro; Remanescente de Quilombo: de onde venho? Onde estou? Para onde vou? Os resultados obtidos foram apresentados e socializados em sala, em forma de produção de relatório, painel, cartazes e outros.

As apresentações buscaram refletir sobre o respeito aos direitos humanos e a situação do negro na sociedade, demonstrando o racismo, discriminação, a percepção dos estudantes sobre essas situações e valorização da cultura africana e dos(as) negros(as) brasileiros na construção da cultura nacional. A proposta pedagógica abarcou a Lei 10.639/03, um instrumento político-educacional relevante na formação profissional e pessoal dos estudantes. Contraditoriamente, a pesquisa verificou que a escola não trabalhou/trabalha a temática desigualdade dentro do ambiente escola, como uma questão presente em seu cotidiano.

Segundo Munanga K. (2005), a reprodução de preconceitos e racismo *i.* contribui para o baixo desempenho, abandono escolar, criam condições para baixa autoestima e descrença pessoal.

Nesse sentido, o tratamento diferenciado para estudantes negros e brancos marca a escolha da instituição em qual se deve ter melhor cuidado durante o processo de aprendizagem. Diante desse pressuposto, a relação dos jovens negros com a instituição se torna um campo de tensões e incertezas futuras.

Alguns autores como Rex (1987), Winant (2002) e Guimarães (1999) entendem a categoria raça como um dos pilares do projeto da Modernidade. Os autores afirmam que as instituições nas Américas absorveram as teorias racistas e as replicam. Nesse sentido, a noção de Racismo Institucional *ii.* contribui para explicar como as sociedades reproduzem desigualdades, contribuindo para a permanência de uma estrutura social pautada nas diferentes formas de hierarquias, sobretudo na suposta hierarquia racial.

Em algumas localidades da região do nordeste brasileiro, a festa de São João é um dos momentos para observar a reprodução do racismo no ensino básico. Em muitas escolas, os estudantes são caracterizados pela figura estereotipada do sujeito de interior, com dentes pintados de preto e desengonçados. Outro aspecto que merece ser observado na escola são aqueles considerados os heróis da nação. A figura constante do homem branco nos livros de história mascara as participações das populações negras e indígenas nas lutas pela construção da democracia, liberdades e projeto de nação.

As dificuldades de modificar as representações de negros e brancos nos livros didáticos implicam na reprodução de conteúdos preconceituosos, negando a miscigenação étnica e a contribuição de negros e indígenas na formação cultura, política e econômica do país (Silva, 2008). Essa realidade no sistema de ensino implica negativamente no processo de aceitação da identidade étnica, autoestima e trajetória profissional. Parte das desigualdades verificadas no âmbito escolar é reproduzida pela instituição de ensino, uma vez que as instituições replicam valores tradicionais que não contribuem para o combate a discriminação. As desigualdades transitam entre a escola e para além de seus muros. Não é possível pensar a escola como um espaço isolado das dinâmicas sociais que o cercam.

Os jovens pesquisados percebem as desigualdades sociais em seu contexto através da violência policial, preconceito com os estilos juvenis, homicídios e o tráfico de drogas. Acreditam que a desigualdade produz estigmas sobre eles e sua localidade. A violência racial aprofunda a precarização da vida nas populações negras, o que torna seus horizontes de realizações pessoais e profissionais incertos.

As trajetórias de vida nas periferias são plurais, uma vez que as condições sociais se apresentam de modos diversos quando considerado, por exemplo, as questões cor/raça, gênero, sexualidade e expectativas futuras. A partir de um recorte analítico do mundo do trabalho, as informações do Sistema de Indicadores Sociais (SIS), de 2004 a 2014, mostra que a situação profissional das mulheres no Brasil melhorou, entretanto, as desigualdades em relação aos homens permanecem significativas.

O referido estudo apontou que as mulheres são o segundo grupo populacional com maior taxa de desocupação (8,7%), abaixo apenas dos jovens (16,6%). As jovens encontram maior dificuldade de inserção no mercado de trabalho, sendo que uma em cada cinco jovens está desocupada (20,8%). O tratamento diferenciado, ao considerar gênero e raça, é evidenciado pelo grupo de estudantes entrevistados. O grupo ressaltou as dificuldades de buscar emprego por causa do racismo.

Dentre algumas experiências individuais expostas em dois grupos focais, pelo menos dois comentários são pertinentes para compreender a realidade observada.

Numa entrevista, menina branca e negra, 75% é pra ela e 25% pra você. Mas não pode ir com o pensamento negativo. A gente já vai com isso na cabeça, colocaram pra gente a dificuldade de conseguir. Tem que ir naquele pensamento [...] eu acredito em mim e vou conquistar.

Meu pai sempre falou comigo: minha filha, você vai sempre encontrar dificuldades por causa da sua cor. Eu encontrei um pai para fazer isso comigo, mas nem todo mundo encontrou isso. Eu tenho um exemplo na família mesmo, eu tenho um primo, mas ele não teve um pai, ele tem baixa autoestima.

Os comentários evidenciam que o racismo é um alicerce da estrutura social. No imaginário dos jovens, a “cor” é um componente das relações interpessoais que influencia, consideravelmente, em diferentes e desiguais possibilidades de inserção social e tratamento diferenciado nas relações interpessoais. Nas palavras de Joel Santos (1984: 34-35), o racismo não é produto de mentes desequilibradas, que sempre existiu ou existirá sempre. O racismo é um dos muitos filhos do capital, com a peculiaridade de ter crescido junto com ele. As políticas liberais tornam-se racistas quando contribuem para a reprodução das relações racialmente e economicamente hierarquizadas.

Segundo a edição de 2015 do Mapa da Violência – Mortes Matadas por Armas de Fogo, entre os jovens de 15 a 29 anos, o número de mortes por armas de fogo passou de 4.415 vítimas em 1980 para 24.882 em 2012. Entre 2003 e 2012, enquanto o número entre jovens brancos mortos por armas de fogo caiu de 23%, entre os jovens negros aumentou 14,1%. Os dados revelam que o homicídio juvenil tem um alvo, sendo estes jovens negros e pobres de periferias. Estudos do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2016) ⁱⁱⁱ aponta que em 1980 o pico de mortes no país chegou aos 25 anos de idade e hoje abaixou para os 21. A pesquisa mostra que os 60 mil homicídios por ano custam 2,5% do PIB, equivalente a R\$ 150 bilhões e caso todos os jovens completassem o ensino médio haveria uma redução de 40% de homicídio.

A interpretação das informações sobre homicídio juvenil indica a criminalização da população negra ocasionada pelo racismo institucional. Difundiu-se na sociedade a falsa impressão de combater a criminalidade através do extermínio da juventude negra e pobre. O relato de um estudante mostra o constrangimento provocado por policiais. Para o grupo entrevistado, o tratamento diferenciado da polícia está relacionado com a desigualdade social. Segundo um entrevistado,

Dizem que a maior idade penal é pra todos [...], não resalta a todos favelados porque quando o policial da viatura passa por ai, na boate do Pelourinho ou na Pituba quando passa que vê um jovem todo branquinho, nem bem arrumado, um branquinho na rua, ele vai chegar e vai aborda do mesmo jeito que aborda a gente aqui? [...] eu já apanhei muito mais que certos carinhas que está preso [...].

O estudante conclui sua fala ao dizer não ter prestado queixa da agressão física levada do policial porque não iria fazer efeito, revelando a descrença institucional. Todos os entrevistados concordaram que os jovens da periferia são discriminados por causa da cor da pele, localidade, vestimentas e outros hábitos.

O grupo ainda questionou acerca do estilo de alguns jovens através do jeito de andar, corte de cabelo e vestimenta. Um estudante colocou a seguinte situação: “Eu sempre andei de boa aparência, nunca sofri nada disso. Não ando como os marginais andam todo marcado (tatuagens), nunca fui parado por ladrão nenhum”. Para eles, algumas tatuagens significam formas de comunicação e significados específicos de grupos ligados ao tráfico de drogas e a polícia tem conhecimento desses códigos.

Outra jovem reforça o comentário anterior ao afirmar que há uma ligação entre signos produzidos por grupos ligados ao tráfico de drogas e a periferia: “você vai usar a mesma coisa que o chefe do tráfico vai usar? Eu sou a cara da favela, eu sou a cara do tráfico”. Observa-se nas falas que os estilos juvenis têm alguma relação com o conjunto de linguagens que caracterizam grupos vinculados à criminalidade.

No caso investigado, as culturas juvenis e a criminalidade são dimensões de análises distintas e não devem ser analisados sob o mesmo ângulo. No entanto, as formas de sociabilidade entre jovens negros e a criminalidade podem produzir conexões de sentidos, uma vez que a sociabilidade dos bairros pesquisados elaboram complexos sistemas de experiências sociais. As culturas juvenis nas periferias se materializam de maneira plural e revelam um conjunto de significados específicos nessa fase da vida.

Alguns estilos juvenis são discriminados por não atenderem aos padrões de estéticas difundidos. Inclusive, a discriminação também atua quando as práticas juvenis tomam formas de reivindicação, ao buscar novas perspectivas e enfrentamento as desigualdades. Segundo um comentário do grupo, “estar de boa aparência” significa não compartilhar alguns dos movimentos culturais e estéticos que singularizam o grupo juvenil de áreas socioeconômicas mais desfavorecidas.

Ao serem perguntados sobre as mesmas possibilidades para negros e brancos no mundo do trabalho, a maioria dos jovens entrevistados responderam as seguintes questões: a) os brancos têm mais possibilidades que os negros (37,7%); b) brancos e negros têm as mesmas possibilidades (18,5%); c) é difícil para todos (36,2%); d) os negros têm mais possibilidades que os brancos (3,1%); e) não respondeu (4,5%).

Os resultados da desigualdade social são evidentes na cidade e as diferenças de oportunidades laborais são percebidas pelos entrevistados, onde duas dimensões de análise são consideradas: entre negros e brancos e grupos de perfil socioeconômico. A maioria entende que os brancos têm mais possibilidades que os negros no mundo do trabalho. Ao expor que “é difícil para todos”, manifestaram que os sujeitos oriundos de periferias sentem mais dificuldades de inserção profissional em relação àqueles que vêm de contextos privilegiados.

As possibilidades de mobilidade social incidem de modos diferentes quando envolvem as variáveis: cor, renda, escolaridade e local de moradia, daí a população negra e pobre sentir os impactos negativos da desigualdade. No caso da escolaridade, a educação ocupa lugar de

destaque na emancipação do jovem que busca se inserir no mundo do trabalho e concretizar realizações pessoais.

Em 2010, do total dos jovens analfabetos na cidade de Salvador 87,2% eram negros. Os que possuem menos escolarização tendem a viver no limite daquilo que consideram como o essencial para a sobrevivência. As taxas de analfabetismo aumentam à medida que a idade avança (IBGE, 2010). O Nordeste abarca a maior taxa de analfabetismo (16,6%) e o Sul a menor (4,4%). No ano de 2014, enquanto que os jovens de 15 a 29 anos de idade representavam 4,4% das pessoas que não sabem ler e nem escrever, as pessoas de 60 anos ou mais de idade refletiram um percentual de 23,1% (PNAD, 2014).

O elevado índice de analfabetismo entre os jovens soteropolitanos marca o cenário de disparidades de escolaridade entre grupos étnicos. A baixa formação profissional está pautada na fragilidade do Estado por não garantir condições satisfatórias de oportunidades e equidade. Com isso, a pobreza aumenta as chances da juventude negra de evasão e saída precoce da escola, a precarização do trabalho e aproximação do mundo subterrâneo das drogas e criminalidade.

Os dados dos questionários aplicados referentes à renda média das pessoas que moram com os estudantes mostrou que 10,8% vive com renda média abaixo de 1 salário mínimo; 13,8% com 1 salário mínimo; entre 1 e 2 representam 20%; de 2 a 3 indicam 13,1%; mais de 3 salários mínimos compõe 7,7%; não souberam informar 8,5% e 26,1% não respondeu. Portanto, foi identificado que a maioria (46,9%) das famílias dos estudantes tem uma renda média mensal entre 1 e 3 salários mínimos diferente da média de renda da população em Plataforma R\$ 451,71 e São João do Cabrito R\$ 336,08.

Apesar de a maioria ter uma renda média mensal acima da renda média da população dos dois bairros, algumas das hipóteses poderão estar associadas às melhores condições de labor de seus responsáveis e independência de programas sociais de transferência de renda como o Bolsa Família. De qualquer modo, os jovens e, inclusive os negros, se tornam um grupo populacional com inserção profissional incerta,

pois, ainda estão em fase de buscar e acumular às primeiras experiências profissionais, por isso, estarem vulneráveis ao desemprego.

A disparidade de renda em Salvador é acentuada e essa realidade influencia nas trajetórias de vida distintas entre negros e brancos, ricos e pobres. Ao passo que o rendimento médio cresce, o número de pessoas pretas, pardas, amarela e indígena diminui. Essa relação entre grupos étnicos aponta para as desigualdades sociais que caracterizam o município baiano. Se comparado o valor médio mensal, verifica-se que a população preta ganha três vezes menos (R\$ 870,00) que a população branca (R\$ 2.450,00), (IBGE, 2010).

Ao estabelecer conexões no cenário nacional, a SIS – 2015 informa que a acentuada desigualdade de rendimentos segundo a cor ou raça da população atingem de modo mais desfavorável os que se declaram pretos e pardos. Enquanto que os negros representam 76% das pessoas entre os 10% com menores rendimentos e 17% no 1% com os maiores rendimentos, os brancos eram quase 80% no 1% mais rico, em 2014.

As desigualdades identificam os poucos cidadãos e os muitos que lutam por essa condição. Basicamente, para a maioria a cidadania é uma condição social quase abstrata. A relação macroeconômica de centro-periferia cria condições favoráveis à circulação desigual do capital hegemônico onde a atuação do capitalismo nos países periféricos não contribui para a que as populações tradicionais adquiram o status de cidadania. Mais do que a garantia através de constituições nacionais e organismos internacionais, a ideia de cidadania precisa deslocar-se do plano abstrato e se materializar através de projetos de desenvolvimento inclusivo, antirracista e democrático.

CONSIDERAÇÕES

O trabalho realizado pretendeu investigar algumas percepções de jovens do ensino médio de uma área empobrecida da cidade de Salvador. A relação que os jovens estabelecem com o lugar, as dificuldades de ingressar no mundo do trabalho e expectativas futuras compõem parte das subjetividades dos sujeitos pesquisados.

A maioria dos jovens são negros(as), mulheres e se encontram num momento de transição para a vida adulta e (in)certezas profissionais. Os entrevistados apontaram as dificuldades de mobilidade social ascendente por causa do racismo, porém, acreditam que podem superar muitas dificuldades impostas pelas condições sociais vivenciadas em seus contextos.

A pesar de a maioria dos estudantes serem sustentados pelos pais, grande parte dos responsáveis pelos jovens ocupam postos de trabalhos precarizados, além daqueles que estão sem labor. Os jovens revelaram que a periferia é mais que sinônimo de pobreza e criminalidade, constitui um lugar onde sua sociabilidade atua de forma intensa, pois, muitos vivem nos bairros desde a infância. Nesse sentido, a periferia representa um modo de vida. Para muitos, é o principal lugar de suas experiências pessoais e coletivas, o lugar das trocas de afetos e sentidos contraditórios.

Os jovens investigados compreendem as desigualdades a partir de diferentes dimensões, sendo eles: a violência policial, o tráfico de drogas, homicídio e preconceito com a cultura juvenil de periferia. Para eles, esses aspectos são centrais para criar estigmas sociais enquanto sujeitos negros e de periferias. Os dados sobre homicídios juvenil têm conexões com as representatividades negativas construídas nas periferias brasileiras. Verificou-se que os riscos de morte para o jovem negro são consideravelmente maiores em relação ao jovem não negro.

A maioria dos jovens negros no país vive nas periferias e sua relação com a pobreza corrobora que a população negra está mais propícia às formas de violência urbana e racial. Mesmo a pesquisa não tendo trabalhado com mais profundidade com a questão do Racismo Institucional, como uma das dimensões da desigualdade, é possível desenvolvê-la em momentos futuros o tratamento diferenciado das instituições para com as populações negras, brancas e indígenas, produzindo diferentes trajetórias, em especial, nas vidas de jovens negros e brancos que buscam realizar sonhos e objetivos pessoais e profissionais.

A escola como um aparelho ideológico do Estado tende a reproduzir valores tradicionais. Nesse sentido, o racismo e discriminação se reproduzem nos interiores de seus ambientes. O colégio Bertholdo mostrou que apesar de algumas limitações no combate as formas de discriminação, ela incorpora parte dos valores locais como alternativa para se aproximar das questões sociais vividas pelos estudantes. A interação que a escola estabelece com os jovens constroem-se novos saberes e práticas contextualizadas. Temas sobre drogas, juventude, sexualidade, gênero, violência, participação social, pobreza, racismo e outros são demandas do universo juvenil e, nos dias atuais, deveriam ser temáticas centrais no currículo escolar.

NOTAS AL PIE

- i. En este artículo se utiliza de una forma genérica e intOutras obras contribuem para ampliar a discussão, como: OLIVERA, Ivone Martins de (2007). Preconceito e Autoconceito: Identidade e Interação na sala de aula. São Paulo: Papirus; CAVALLEIRO, Eliane (2001). Racismo e Anti-Racismo na educação: Repensando nossa Escola. São Paulo: Selo Negro.
- ii. A discussão sobre o uso da categoria Racismo Institucional é encontrada na obra Black Power, elaborada por Stokely Carmichael.
- iii. Informações disponível no site: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=27810&catid=8&Itemid=6>

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- ABRAMOVAY, Mirian (Org.). et al. (2002). Juventud, violencia e vulnerabilidad social em América Latina: desafios para políticas públicas. Brasília: UNESCO, BID.
- CALDEIRA, Tereza P. R. (1984). A política dos outros: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos. São Paulo. Editora Brasiliense.
- GRAMSCI, A. (1982). Os intelectuais e a Organização da cultura. Tradução Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira.
- GROPPO, Luís Antonio (2000). Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro. DIFEL.
- GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo (1999). Racismo e anti-racismo no Brasil. São Paulo: Editora 34.
- HOOKS, Bell (1994). Teaching to transgress: education as the practice of freedom. New York/London: Routledge.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010). Censo de 2010. Rio de Janeiro: IBGE.
- _____. Pesquisa Nacional Por Amostra e Domicílio - 2014. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv94935.pdf>>. Acesso em: set. 2015.
- _____. Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2015. Coordenação de População e Indicadores Sociais. - Rio de Janeiro: IBGE, 2015. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv91983.pdf>>. Acesso em: set. 2015.
- IRIART, Mirela Figueiredo Santos (2010). Juventude e escolarização nos limiares entre o rural e o urbano. In: Bahia Análise e Dados. v. 20. nº 4. Salvador: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia, p. 479-495.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz (2006). Expectativa sobre a inserção de jovens negros e negras no mercado de trabalho: reflexões preliminares. In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Dimensões da inclusão no ensino médio: mercado de trabalho, religiosidade e educação quilombola. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 363 p.
- LIMA, Adalberto de Salles (2015). Periferias e Subjetividades juvenis em Salvador/BA. Dissertação de Mestrado do Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Brasília.
- MUNANGA, Kabengele (Org.) (2005). Superando o Racismo na escola. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade.
- REX, John. (1987) Raça e Etnia. Lisboa: Editorial Estampa, LDA.
- SANTOS, Joel Rufino dos (1984). O que é racismo. São Paulo. Abril Cultural/Brasiliense.
- SERPA, Ângelo (Org.) (2001). Fala periferia! Uma reflexão sobre a produção do espaço periférico metropolitano. Salvador: Editora Universidade Federal da Bahia (EdUFBA).
- SHILS, Edward. (1992). Centro e periferia. Tradução de José Hartuig de Freitas. Lisboa: DIFEL.
- SILVA, P. V. B. (2008). Racismo em livros didáticos: estudos sobre negros e brancos em livros de língua portuguesa. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- WASELFISZ, Julio Jacobo. (2015). Mortes Matadas por Armas de Fogo. Secretaria-Geral da Presidência da República. Disponível em: <<http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/mapaViolencia2015.pdf>>. Acesso em fev./2016
- WINANT, Howard (2002). The world is a ghetto. New York: Basic Books.
- YELVINGTON, Kevin (2001). The Anthropology of Afro-Latin America and the Caribbean: Diasporic Dimensions. Annual Review Anthropology, n. 30, p. 227-260.